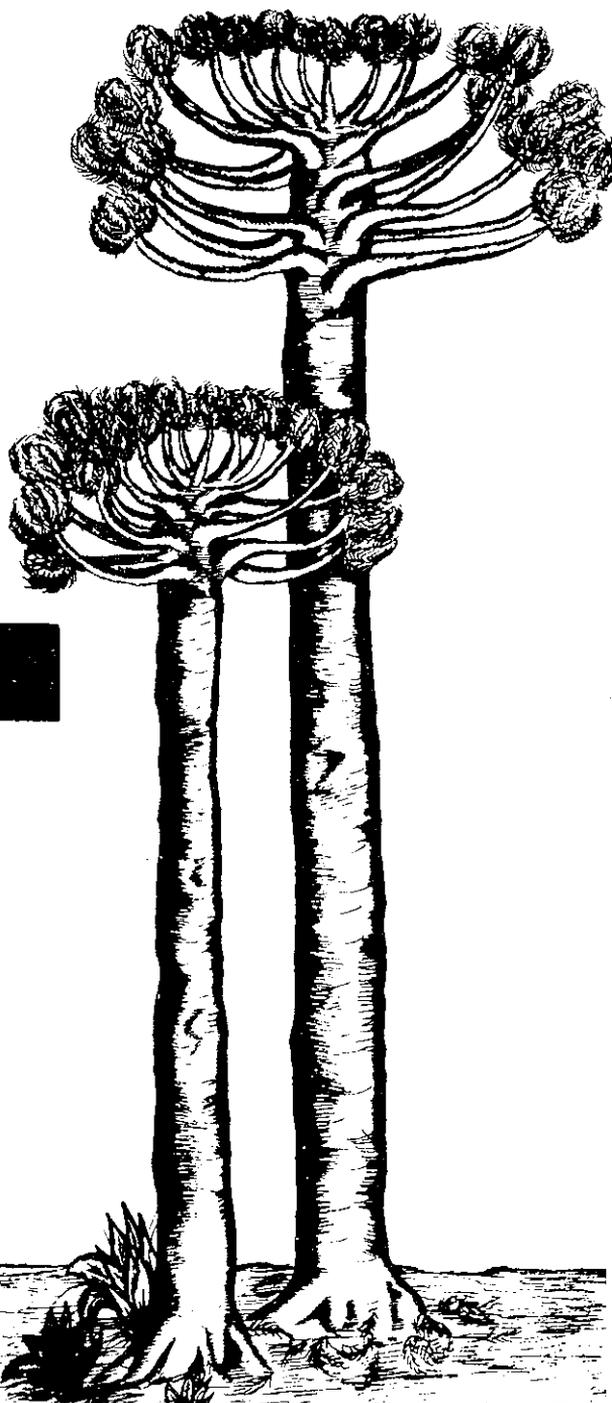


O ÍNDIO NO RIO GRANDE DO SUL

CEDI - P.I.B.
DATA 08 / 08 / 91
COD 00024

QUEM FOI
QUEM É
O QUE ESPERA

Bartolomeu Melià, S.J.



Texto preparado pela Coordenação de Pastoral Indígena
Interdiocesano Norte, RS.

Coordenador: Pe. Bartolomeu Melià, sj.

1984

Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CERI -

Sucursal/SP. - Av. Higienópolis, 983 - 01236

A P R E S E N T A Ç Ã O

Uma das prioridades assumidas na última Assembléia do Conselho Diocesano de Pastoral para o ano de 1984, dentro do nosso V.º Plano de Pastoral, foi "a conscientização das comunidades sobre a realidade dos nossos irmãos índios, com vistas a receber os povos Kaingáng e Guaraní como povo de Deus na Igreja particular, aceitando-os com todas as suas diferenças e valores específicos".

Para que tal conscientização pudesse acontecer mais facilmente, o Pe. Bartolomeu Melià, S. J., coordenador da pastoral indígena do Interdiocesano Norte, elaborou alguns subsídios com dados e informações sobre os índios Kaingáng e Guaraní em nossa Diocese: sua história, suas lutas, seu "habitat", seus costumes, sua religiosidade e sua situação atual.

Tais subsídios são agora colocados à disposição dos agentes da pastoral e de todo o povo de Deus da nossa Diocese. Agradecendo ao caro Pe. Melià esta valiosa colaboração, temos a certeza de que eles contribuirão para tornar mais conhecidos, no meio das comunidades cristãs da Diocese, os nossos irmãos índios, que se concentram sobretudo nas áreas indígenas de Nonoai e do Guarita. E sendo mais conhecidos, eles também serão reconhecidos e acolhidos como povo de Deus em nossa Igreja particular.

Frederico Westphalen, 19 de julho de 1984.

Dom Bruno Maldaner

Bispo Diocesano

O ÍNDIO, ESSE DESCONHECIDO

Você os vê freqüentemente nas ruas de Nonoai e Planalto, de Iraí e Tenente Portela, nas rodoviárias de Erexim, Passo Fundo e Sananduva, nas estradas que vão para Miraguá e Cacique Doble; às vezes, sentados no chão, vendendo balaios e peneiras; nos ônibus você vê que eles passam geralmente a ocupar os últimos bancos, lá no fundo. Tem grupos acampados à beira da estrada, oferecendo artesanato. As mulheres gostam de vestidos de cores vivas. Você fica admirado ao vê-las carregando pesadas cargas às costas, suspensas da testa por uma alça. E as crianças, um tanto acanhadas, mas tão bonitas... Você, como a maioria dos vizinhos desta região do Alto Uruguai, os chama com o apelido de **bugre**. Talvez com uma certa compaixão, você fala deles como **nossos índios**.

Mas, na realidade, você os conhece? Quem são? Foram sempre assim? Qual a sua história neste Rio Grande do Sul? E agora, onde estão e qual a situação deles? Que fazem? Que esperam?



D. L. Pivetta

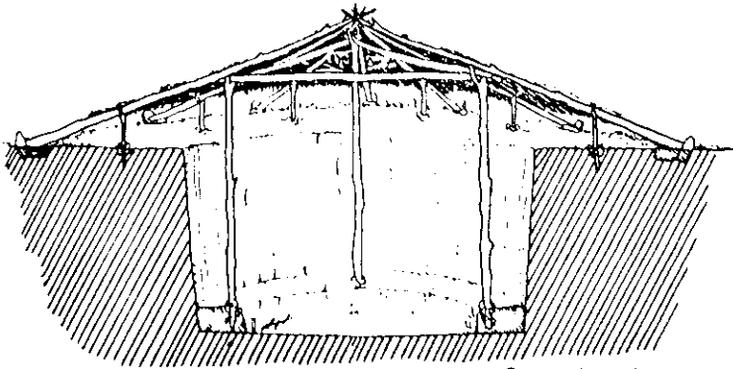
Mulher Kaingáng de Cacique Doble, carregando nós de pinho

RAÍZES PROFUNDAS

Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul datam de 11.000 ou 12.000 anos atrás. Mas é a partir de 5.000 anos antes de Cristo que a presença desses povos indígenas se fez sentir com mais força. Caçavam porcos do mato, antas, veados e outros animais e coletavam sementes e frutas. Para morar aproveitavam abrigos e grutas da subida da Serra.

Nas regiões mais frias do planalto aparecem depois gentes que já sabiam cavar casas subterrâneas, bem protegidas, aptas para enfrentar as baixas temperaturas e bastante confortáveis. Essas casas eram escavadas no chão, em forma de poço, com dimensões que variavam entre 2 e 18 metros de diâmetro e até 6 m. de profundidade.

Fernando La Salvía



Casa subterrânea grande

A essas casas, que ainda hoje são encontradas no planalto riograndense, os moradores atuais da região as chamam "buracos dos bugres". Formavam verdadeiras aldeias que contavam com até 25 e 30 dessas casas. Levantavam túmulos de terra onde tinham sepultado seus mortos. O pinhão, muito abundante nessa região de grandes pinhais, estava na base de sua alimentação; desidratado, era conservado para ser consumido nas estações de menos recursos. Consta que, desde o século II, esses índios começaram a praticar a agricultura, com pequenas plantações de milho, feijões, amendoim e, em alguns lugares, mandioca.

Esses habitantes das casas subterrâneas são, com toda probabilidade, os antepassados dos índios hoje chamados Kaingâng. Ninguém vai dizer que não tenham raízes muito profundas na vida do Rio Grande do Sul. Eles são realmente "de origem".

Vieram depois os índios Guaraní. No século V já estavam estabelecidos em alguns lugares perto do rio Jacuí. Bons agricultores, cultivavam mandioca, milho, batata-doce, feijões, abóbora, fumo e algodão. Aproveitavam a erva mate. Moravam em grandes casas comunais com teto de palha que caía até o chão. Dormiam em redes. As mulheres eram espertas na arte cerâmica. Fabricavam grandes urnas, nas quais às vezes enterravam os seus mortos, mas também panelas, tigelas e pratos. Criavam caprichosas decorações, pinçando o barro ainda mole com a ponta dos dedos ou marcando nele as unhas. Outras vezes as pintavam, tudo em vermelho, ou vermelho sobre branco. Você talvez já encontrou cacos dessa cerâmica na sua propriedade; o povo simples pensa que é tesouro escondido...



HSAL. III, 67

Cerâmica guarani típica

Os Guaraní tinham preferência pelas várzeas dos grandes rios, onde o solo, coberto pela floresta, é fértil e facilmente cultivável. Por isso estavam sempre à procura de novas terras e matas virgens onde encontrar as condições favoráveis para as suas roças. Assim foram ocupando aos poucos as bacias dos rios Uruguai e Jacuí e foram subindo pelos rios menores como o Ijuí, Piratiní, Ibicuí, Pardo e Taquarí. Os Guaraní migravam com alguma frequência, sobretudo quando as condições do trabalho agrícola se faziam mais difíceis, mas não eram propriamente nômades.

Houve ainda outros povos, caçadores e coletores, que ocupavam as terras baixas dos campos do sul do Estado. Eram os chamados Charrúa e os Minuano.



Bigg-Wither

Mulher Kaingáng primitiva e modo típico de transportar criança (1878)

GUARANI OU KAINGÁNG?

Agora, você talvez vai perguntar: então, índio não é tudo a mesma coisa? Os índios, não são todos bugres? Como é que se diferenciam uns dos outros? Pela estatura, pela cor, pelas feições do rosto, pela “raça”?

De fato, Kaingáng e Guaraní algo se diferenciam pelo aspecto físico. Os Kaingáng são de estatura mais que mediana, quase esbeltos, o corpo e os membros bem proporcionados. As mulheres são mais pequenas. O corpo é robusto e musculoso, um pouco atarracado. O rosto é um tanto redondo e cheio; o nariz largo e os lábios bem reforçados, sem ser muito grossos; dentes brancos, fortes e saudáveis; o cabelo, liso e teso. Costumam caminhar rapidamente, mas seus gestos geralmente são comedidos e tranquilos. Os Guaraní oferecem um aspecto mais franzino e leve. As feições do rosto, mais marcadas e angulosas; os olhos, cheios de vivacidade e profundos. São ágeis e fortes.

Mesmo assim, o critério da aparência física para distinguir os índios é muito incerto e leva a grandes confusões.

O que distingue realmente os Kaingáng dos Guaraní é a língua, e junto com ela, a cultura, seu modo de ser e viver. E também a história que os levou por caminhos próprios.

Pela língua, os Kaingáng são da família jê. São parentes, pois, dos Xavante e das tribos do grupo Kayapó, dos Suyá, dos Timbira...

Os Guaraní, por sua vez, formam parte da bem conhecida família tupi-guaraní, entre os quais estavam também os famosos Tupinambá e Tamoio do litoral carioca e paulista. Os Tenetehara, os Kayabí, os Tapirapé e os Oyampí, entre outros, falam ainda línguas desta família.

Veja como são diferentes as palavras da língua kaingáng, e guaraní:

	kaingáng	guaraní
água	goj	y
fogo	pĩ	tatá
sol	rã	kuarahý
lua	kysã	jasý
pedra	pò	itá
cabeça	krĩn	akã
olho	kaně	tesá

e assim por diante. Como vê, kaingáng e guaraní são línguas tão diferentes como podem ser o alemão e o árabe; e não só as palavras são bem distintas, mas também o modo de formar as frases, isto é, a gramática.



Bigg-Wither

Homem Kaingáng primitivo, enfeitado com penas numa festa ritual (1878)

Estes dois povos se diferenciam pela cultura, e por cultura deve-se entender os costumes, a economia, a organização social e política, a religião e tudo aquilo que faz que um povo seja ele mesmo. A cultura é a raiz da identidade de um povo.

Antigamente, os homens Kaingáng andavam nus; as mulheres vestiam uma curta saia tecida com fibras de urtiga ou caraguatá. Os Guaraní também andavam nus. Os homens furavam o lábio inferior e nele introduziam uma espécie de prego, bastante comprido, em forma de T, feito de pedra ou de outro material duro e brilhante. Por ocasião das festas e danças vestiam vistosos mantos de penas, cocares coloridos, colares de conchas e dentes e outros enfeites. E gostavam de pintar o corpo de vermelho.

Vimos já que os Kaingáng tiravam os principais recursos para sua alimentação da caça e da coleta de frutas silvestres, como o pinhão. A agricultura era menos importante. Os Guaraní, por sua vez, sem descuidar a caça e a pesca, praticavam uma agricultura suficiente que produzia boas quantidades de milho e mandioca, e, em menor escala, diversos tipos de feijão, amendoim, abóbora e batata doce. Usavam o fumo, às vezes, como meio de inspiração religiosa. Dos Guaraní vem o aproveitamento da erva mate para gostoso chimarrão. Guaraní e Kaingáng apreciavam o mel silvestre, que procuravam tirar sem destruir o enxame das abelhas.

Não temos tempo nem espaço para falar aqui de todas as características da cultura e vida dos Kaingáng e dos Guaraní. Quem quiser aprofundar-se a respeito do assunto, deve consultar os estudos e publicações dos especialistas, que são muito numerosos, sem esquecer, porém, que os verdadeiros especialistas da própria cultura são os mesmos índios, principalmente os velhos.

Mas vamos lembrar ainda que era próprio dos chefes, tanto Kaingáng, como Guaraní, exercer um governo muito paternal. Eles organizavam as festas e os trabalhos em comum. Um chefe despótico e avarento era abandonado e ficava sem autoridade. Se um chefe conseguia mais, era para poder dar mais. No fim, se distinguia por ser o mais pobre, porque não podia reservar nada para si. Podemos chamar a isso um governo "selvagem"?

No que se refere a religião, os índios Kaingáng e Guaraní tinham e têm as suas próprias crenças, que transmitem de geração em geração. Entre os Guaraní existem homens profundamente religiosos, verdadeiros "profetas", dirigentes das danças rituais, cantores de cantos muito inspirados, de uma grande beleza poética. Os cantos e danças, que às vezes du-

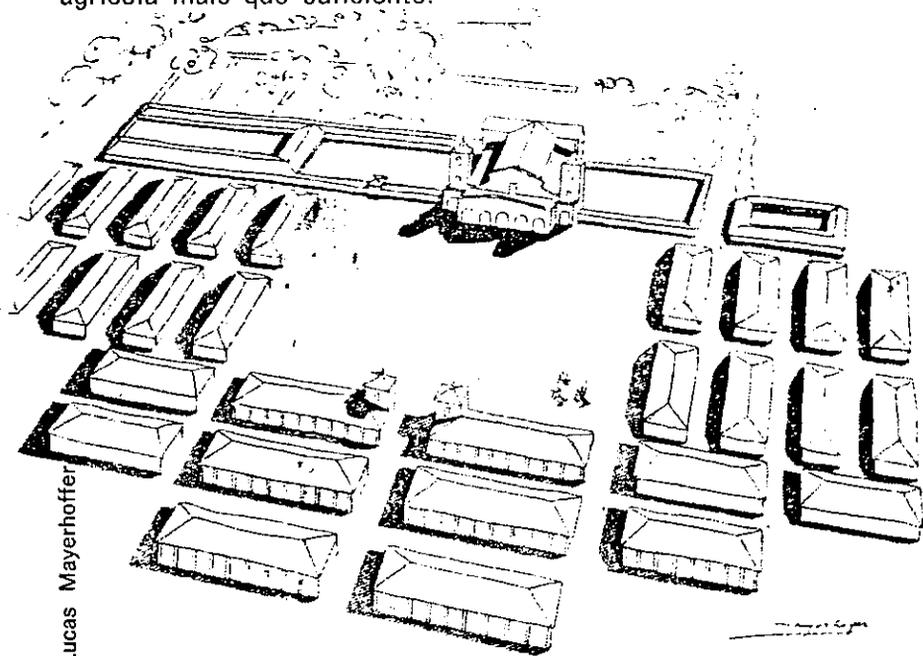
ram noite inteira e até vários dias, são para os Guaraní um caminho para reencontrar o Pai Primeiro e entrar mediante a reza naquela terra e casa mística onde não há males, nem doença, nem morte.

Para os Kaingáng o culto aos mortos é talvez a expressão mais forte e importante da vida religiosa. O defunto é chorado intensamente e depois sepultado com dignidade e respeito. Era também tradicional entre os Kaingáng, no tempo do milho verde o do pinhão maduro, de abril a junho, realizar uma festa de culto aos mortos. Era uma festa de confraternização da qual participavam até índios e índias chegados de longe, que passavam juntos aqueles dias de oração, dança e alegria, onde não faltava também comida e bebida abundante.

Que foi, pois, desses índios? Que aconteceu até eles ficarem reduzidos à lamentável situação atual? A história vai responder.

A TRAGÉDIA GUARANI

Quando os missionários espanhóis entraram, pelo ano de 1626, no atual Rio Grande do Sul, os Guaraní não eram menos de 100.000 pessoas, conforme documentos da época. Quase toda essa população passou a ser cristã e se juntou em 15 povoados que chamavam de Reduções. Aí, segundo a mentalidade da época, o índio era "reduzido" para uma vida mais humana, mais civilizada e cristã. De fato, aí começou a se desenvolver uma economia de abundância e uma vida cultural e religiosa notáveis. Chegaram, porém, os bandeirantes paulistas e, entre 1635 e 1640, devastaram aqueles povoados, mataram aos que resistiam e ainda levaram mais de 30.000 índios cativos para serem vendidos como escravos. Os que restaram passaram para o outro lado do rio Uruguai, atual Argentina. Depois, índios e missionários reagiram e derrotaram as novas bandeiras em várias batalhas. Os índios puderam voltar para suas antigas e queridas terras. Ressurgiram assim os famosos Sete Povos: São Nicolau, São Miguel, São Borja, São Luis, São Lourenço, São João e Santo Ângelo. Nestes sete povos, em 1732, se contavam novamente em número de 32.867, possuindo templos admiráveis, ricas plantações de erva mate, estâncias com incontáveis cabeças de gado e uma produção agrícola mais que suficiente.



Lucas Mayerhoffer

São Miguel, um dos Sete Povos missioneiros do Rio Grande do Sul

Mas aquela paz e tranquilidade ia ser outra vez abalada. O Tratado de Madrid, assinado pelos governos de Espanha e Portugal, determinava que os Guaraní deviam deixar os Sete Povos e abandonar as suas terras. Os índios se revoltaram e se opuseram aos exércitos de espanhóis e portugueses. Um índio, bom e corajoso, dirigiu a resistência. Era Sepé Tiaraju, cacique de São Miguel, que gritava: **Essa terra tem dono**. Com poucos recursos militares e estratégicos, os índios foram vencidos, massacrados e dispersos.



MEC-FENAME

Índio Guaraní das Missões, com poncho e esporas

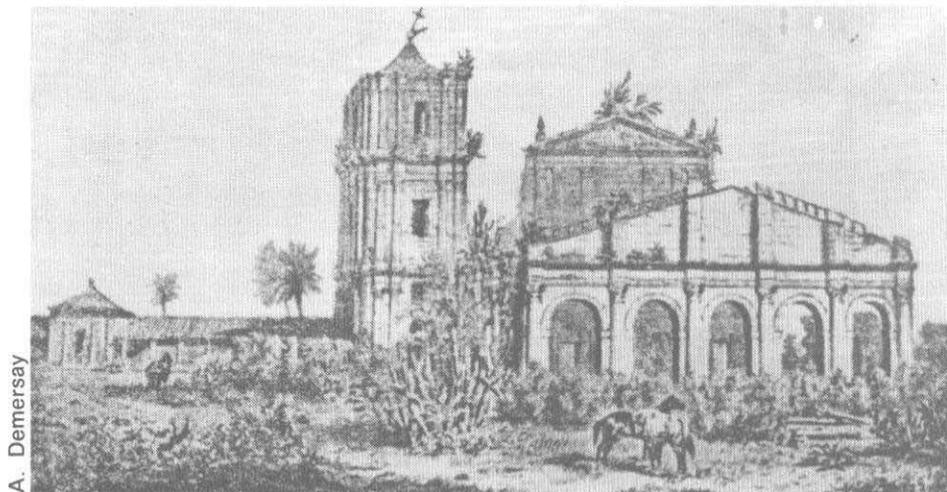
Um novo golpe aconteceu quando, em 1768, os missionários jesuítas, que tinham trabalhado com os índios por mais de 150 anos, foram expulsos. Nesse ano os índios eram ainda 22.349. Desorganizados, entregues ao interesse e à ganância dos brancos que se intrusaram nas terras, estâncias e povoados indígenas, a população guarani tinha caído, em 1801, para 14.010 indivíduos. Em 1827, nos Sete Povos eram só 1.874.

Em 200 anos de "civilização" (de 1626 a 1827) o povo guaraní foi objeto de um verdadeiro genocídio, que só se compara

com o holocausto dos judeus no regime nazista.

Razão tinha aquele índio guaraní que, à chegada do branco, já falara assim: essa nação só procura sua riqueza e a miséria dos outros.

Os Guaraní que atualmente moram no Rio Grande do Sul não são os filhos dos Sete Povos; a história deles é outra, como você vai ver depois.



Ruínas do templo de São Miguel (1847)

OS COROADOS

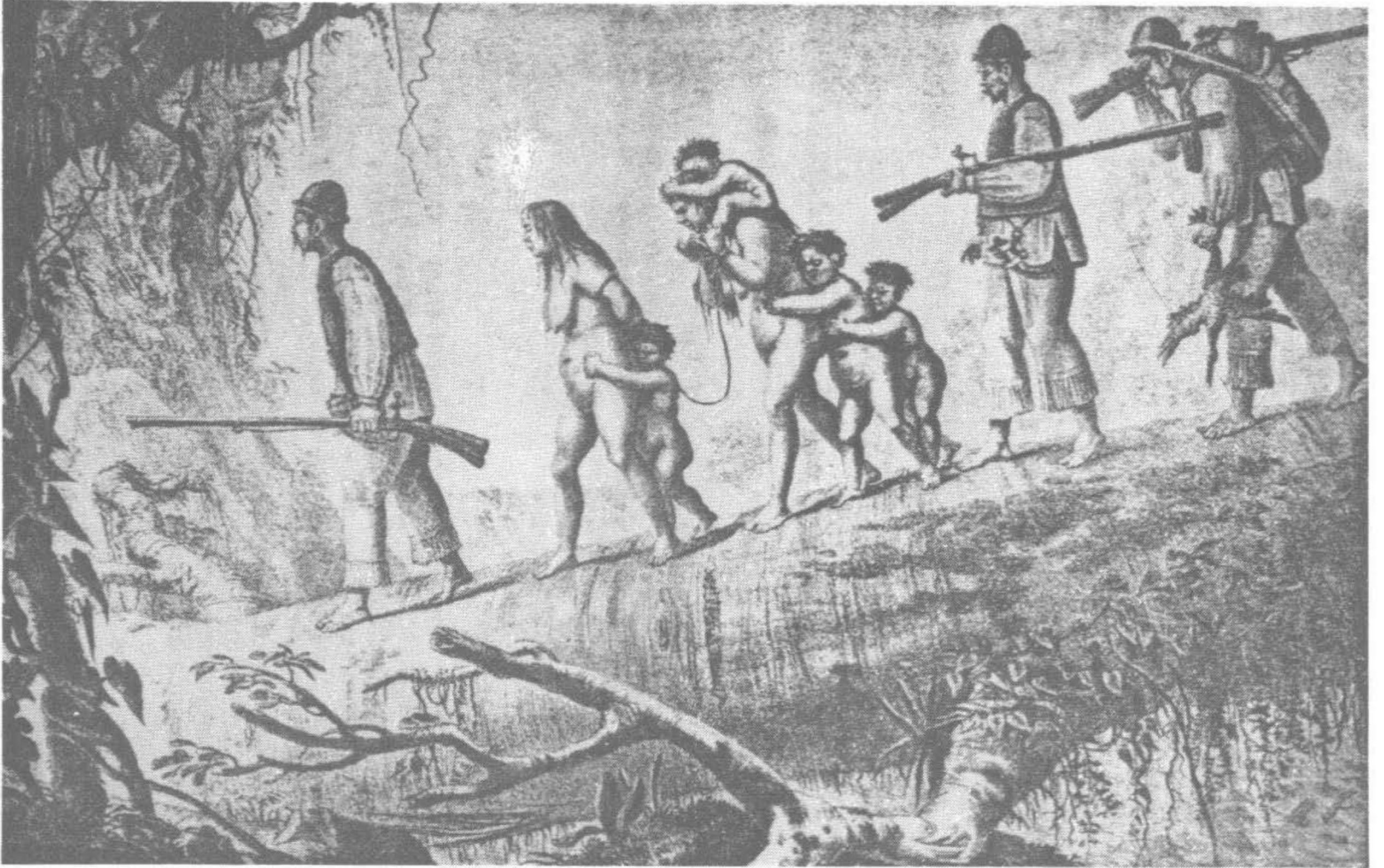
Nesse tempo em que os Guaraní eram "civilizados", destruídos e massacrados, que acontecia com os Kaingáng?

Eles ficaram tranquilos e livres nos próprios campos e matos; os missionários não conseguiram atingi-los, os bandeirantes não puderam escravizá-los e os próprios índios não procuraram, senão raramente, o contato com os outros.

Durante aqueles dois séculos, de 1626 a 1801, em que boa parte do Rio Grande era colônia espanhola, esses índios conseguiram ficar livres nos seus campos e matos, naquela vida autêntica e independente de sempre. Divididos em pequenos grupos que se movimentavam facilmente, não puderam ser reduzidos pelos missionários nem escravizados pelos bandeirantes.

Naquela época, os índios Guaraní lhes davam o nome de Guayaná ou Gualacho. Os espanhóis e portugueses os chamavam **Coroados**, porque cortavam o cabelo em forma de coroa, como os frades antigos. As tribos de Coroados se esten-

J. B. Debret



Índios "civilizados" apresando índios arredios (1834)
14

diam pelos planaltos dos atuais Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e até São Paulo; mais ou menos as mesmas regiões onde têm hoje as pequenas reservas de terra que lhes sobraram. Aqueles Guayaná e Coroados antigos são, sem dúvida, os antepassados dos atuais Kaingáng. O nome Kaingáng não é um apelido, como Coroado ou Bugre, mas o nome autêntico que esses índios se dão na própria língua.

Os problemas para os Kaingáng chegaram, quando no início do século XIX, estancieiros e comerciantes começaram a querer se estabelecer nos campos de Guarapuava e Palmas, no Paraná. Aí eles procuraram amansar os índios, pela força ou dando-lhes presentes. Com o mesmo fim corrompiam os próprios chefes indígenas, que se tornavam “bugreiros”, isto é escravizadores dos índios ainda livres. Talvez o mais famoso destes chefes “bugreiros” tem sido Victorino Condá.

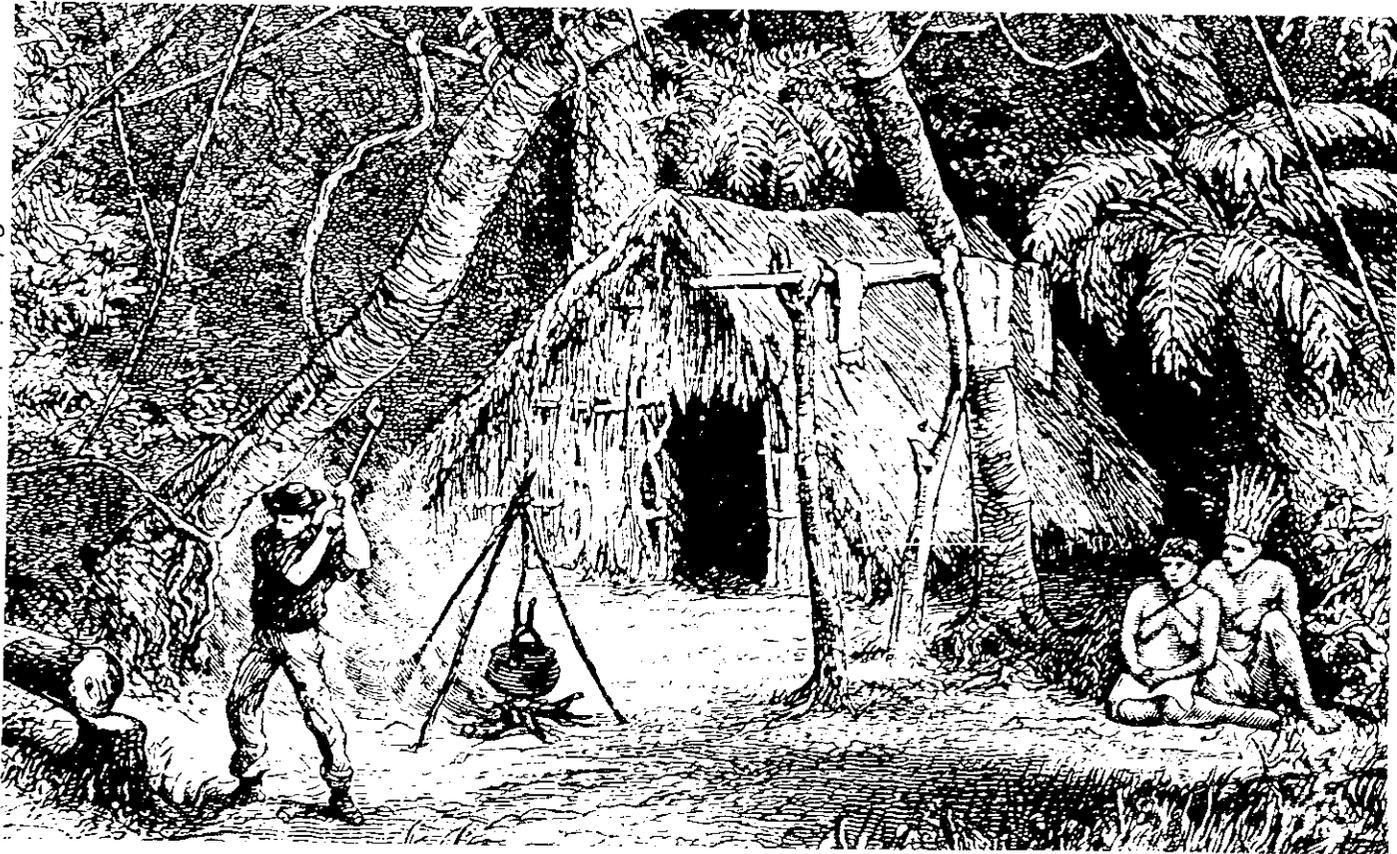
No Rio Grande do Sul o drama dos Kaingáng começa com a abertura de novas estradas, precisamente em território indígena. Estas estradas facilitavam a expansão dos colonos alemães, chegados em 1824. O objetivo destas estradas era também a devastação dos índios. O engenheiro A. Mabilde o sabia muito bem, quando em 1850 falava assim: “Resolvi abrir a Picada (de Passo do Pontão, no rio Uruguai, até Cai) pelo meio daqueles alojamentos de bugres para assim ficarem todos devastados. O resultado foi ficarem mui descoroçados os Bugres, e terem-se mais depressa decidido anuir ao convite que lhes fazia de se retirarem daquele Sertão”. É comprovada a eficácia das estradas como meio de expulsão ou esmagamento dos índios numa região; será, por isso, que as áreas indígenas estão todas elas cortadas por estradas que só lhes causam prejuízos?

Outra política seguida com os índios tem sido sempre a de obrigá-los a se aldearem. Isto quer dizer, fixá-los num lugar e deste modo evitar a sua livre movimentação pelos matos e campos já cobiçados por colonos e estancieiros. O branco invade as terras dos índios e depois trata-os como intrusos e vagabundos, que têm que ser desalojados das terras onde sempre viveram.

OS PRIMEIROS ALDEAMENTOS

Foi nestas circunstâncias que foram fundados os Aldeamentos de Guarita, Nonoai e Campo do Meio. O governo da Província queria que os índios se concentrassem nestes três pontos e deixassem livre o resto. Entre 1848 e 1852, padres jesuítas trabalharam nestes aldeamentos, em vistas à chamada “catequese e civilização” dos índios. Os vizinhos de Cruz Alta, Palmeira das Missões, Passo Fundo e Lagoa Vermelha pensavam que os missionários iam facilitar a entrega das ter-

Bigg-Wither



Colono pioneiro, desmatando, observado por índios (1878)

ras dos índios para os fazendeiros e colonos. Logo perceberam que esses padres defendiam os direitos dos índios e denunciavam as injustiças e mortes praticadas contra eles, e deixaram de apoiá-los. Os missionários, desanimados e sem recursos, foram embora.

A tática que deu melhores resultados para o branco enfraquecer a resistência dos índios e se apoderar das terras é a seguinte:

- atrair os índios com presentes;
- forçá-los a ficar reduzidos em áreas reservadas;
- privilegiar aquelas lideranças indígenas que se mostram mais “amigas dos brancos”;
- corromper os líderes com ganâncias particulares, se for necessário;
- aproveitar as desavenças e brigas entre índios de grupos contrários.

Isso já foi visto por um daqueles missionário jesuítas que, em 1851, escrevia estas palavras: “Tenho dito muitas vezes que não é dos índios que eu tenho medo nestes sertões, senão das intrigas dos que cobiçam os campos, que querem e fazem tudo o que podem para que os índios se alvorotem, já armando o povo contra eles, já espalhando entre eles falsidades a fim de que desconfiem e por medo abandonem os tais campos”.

VÍTIMAS DO BUGRE OU VÍTIMAS DO “CIVILIZADO”?

Mas o índio não é um elemento perigoso? Ele não tem sido antigamente cruel e sanguinário? Ele não assaltava, roubava e matava as famílias de colonos e estancieiros que estavam perto deles? Os velhos colonos alemães contavam histórias horrorosas neste sentido e até existe um livro escrito por um monsenhor que tem por título “**As vítimas do bugre**”, não é?

Meu irmão, vamos devagar com essa história, que não está bem contada, não.

É verdade que entre 1829 e 1832 deram-se vários assaltos. A professora Basile Becker estudou essa história usando vários autores e explica assim: O confronto se produz espontaneamente, uma vez que colonos entram nos matos e ocupam as terras dos índios. As terras estavam sendo dadas aos colonos como devolutas, mesmo que tivessem ocupantes nativos desde muito tempo e não pudessem ser consideradas desocupadas...

O índio Kaingáng ataca porque não se conforma com ver suas terras invadidas, porque vê seus recursos de caça e coleta reduzidos e também porque cobiçava algumas novidades trazidas pela "civilização", como ferramenta, roupas, sal e não sabia como conseguí-las. Os municípios que mais sofreram as investidas dos Kaingáng foram São Leopoldo, Caí, Montenegro, Taquara e Nova Petrópolis. Neste período, de 1829-32, houve apenas uns 10 assaltos e os brancos mortos foram não mais de 30. Entre 1851 e 1860, quando boa parte dos índios estava sendo aldeada, houve ainda 6 assaltos, com 9 mortos. Isso é tudo. Mas esses assaltos e essas mortes foram amplamente divulgadas e exageradas; com isso se pretendia justificar a perseguição contra os índios e a sua expulsão das terras. Você pode ler para maiores detalhes o estudo da referida professora, "O índio Kaingáng e a colonização Alemã" (1976).

A história que não foi escrita é "as vítimas do civilizado". Sabe-se, porém, que entre os estancieiros da Serra era costume que os índios que estavam alugados a eles como trabalhadores com direito a salário, após a conclusão do trabalho ou tempo de serviço, quando chegada a hora do pagamento, eram conduzidos a um lugar solitário, e como pretensos espíões eram fuzilados traiçoeiramente...

Em agosto de 1851 o comandante de Lagoa Vermelha, com raiva porque não conseguira prender os índios que tinham feito um assalto, caiu sobre outro grupo de índios inocentes e indefesos e os seus homens assassinaram covardemente uns 60 índios Kaingáng, a maioria velhos, mulheres e crianças.

Era pelo ano de 1864. O cacique Doble veio para Porto Alegre, acompanhado por outros índios, para receber auxílios que lhes tinham sido prometidos. O governo mandou presentear os índios com uniformes de soldados, mas esses soldados tinham falecido em consequência da variola... As roupas foram entregues a Doble sem que se tivesse o cuidado de desinfetá-las. A epidemia logo se alastrou pelo toldo que estava inteiramente desprovido de recursos médicos.

Tudo isso sem contar as brigas e mortes entre os mesmos índios que eram incentivados pelos brancos que jogavam um cacique contra outro, como aconteceu com o cacique Doble contra o cacique Braga, e o chefe Condá contra a gente de Nonoai.

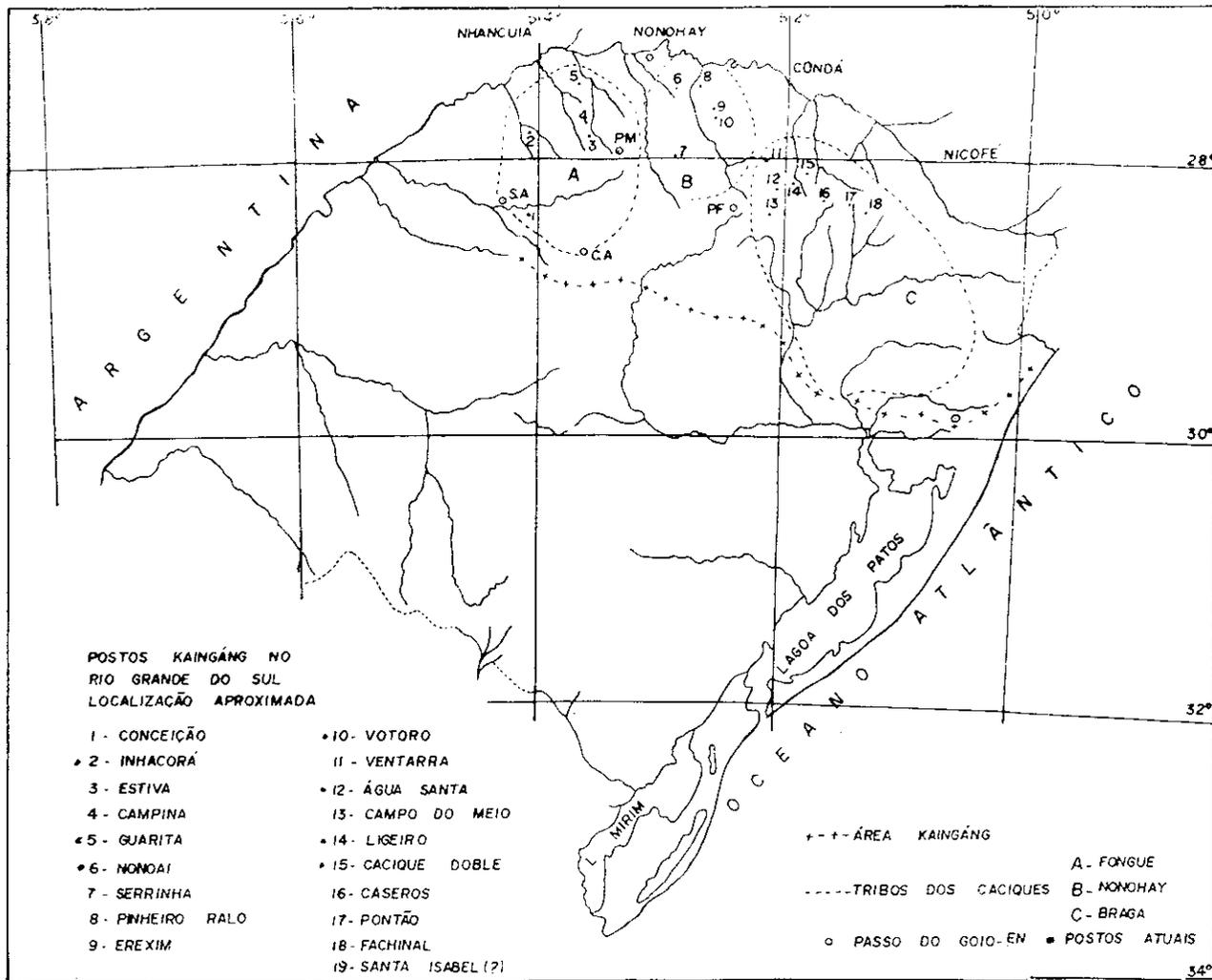
AS RESERVAS INDÍGENAS

Passaram os anos. Os brancos avançavam, e os índios viam-se cada dia mais cercados. Perante essa situação, a Comissão de Terras do Estado começou a reservar algumas áreas aos índios.

A partir de 1911 foram demarcadas, efetivamente, um conjunto de 12 áreas, que totalizavam 98.583 ha. Lhe parece muito? Na época não era senão um cantinho, sobretudo em comparação com todo o território que os índios deixavam para brancos que apenas começavam a chegar. Com essas reservas os índios não ganhavam nada; somente pode-se dizer que não perdiam tudo. Os toldos, que assim eram chamadas essas áreas, foram assistidos nos primeiros tempos pelas Comissões de Terras do Estado. A partir de 1941, quatro desse toldos, Nonoai, Ligeiro, Guarita e Cacique Doble, passaram à administração do Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

No Rio Grande do Sul não se diz: o índio, aquele que deve morrer, mas sim, o índio, aquele que deve sair. Pelos anos 1940 chegaram novas levas de migrantes ao Alto Uruguai e as terras indígenas sofriam novas pressões. As piores investidas contra as terras indígenas ocorreram, primeiro em 1949 e depois em 1962, durante o governo de L. Brizola. A antropóloga Lígia Simonian, depois de estudar a situação, área por área, chegou a seguinte conclusão: "Concretizou-se uma "pseudo-reforma agrária" em cima dos territórios indígenas. Serriña, Ventarra, Caseros, Lagoão, foram totalmente expropriados aos seus legítimos donos e estes jogados sobre outras áreas indígenas no Estado ou nas estradas. Inhacorá, Votouro, Guaraní e Nonoai foram em parte também restringidos. Quem sai ganhando nesta luta não são os "sem terras", que continuam tão marginalizados quanto antes, mas as empresas rurais, as grandes propriedades. Assim as terras indígenas foram e vêm sendo concebidas como terra livre, terra de ninguém..."

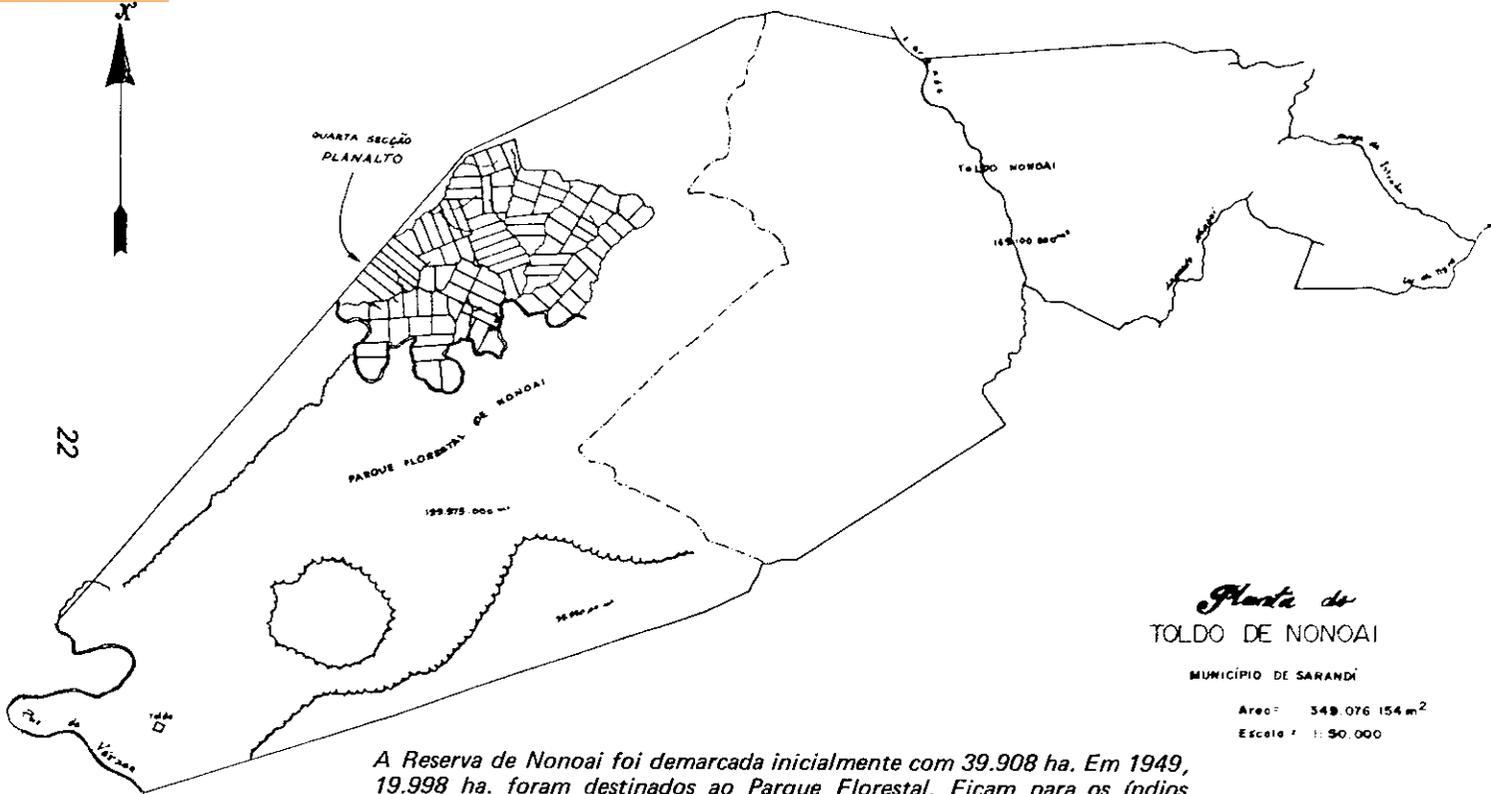
Agora você pode ver o quadro onde constam as áreas que primeiramente foram demarcadas, as que foram extintas, as que foram diminuídas e com quantos hectares ficaram os índios. E quantos eles são na atualidade.



	Ano da demarcação	Área demarcada	Área Atual	População atual - 1983
Nonoai	1911	39.980 ha.	14.910 ha.	1.424
Ligeiro	1911	4.552 ha.	4.552 ha.	840
Caseiros	1911	1.003 ha.	extinta	—
Ventarra/Erexim	1911	753 ha.	extinta	—
Água Santa	1911	601 ha.	601 ha.	171
Cacique Doble	1911	5.859 ha.	5.450 ha.	369
Serrinha	1912	11.950 ha.	extinta	—
Guarita	1918	23.187 ha.	23.183 ha.	2.953
Votouro	1918	3.100 ha.	2.145 ha.	625
Inhacorá	1921	5.859 ha.	1.060 ha.	388
Lagoão		1.000 ha.	extinta	—
Guarani	1943	741 ha.	280 ha.	55
		98.583 ha.	52.180 ha.	6.825

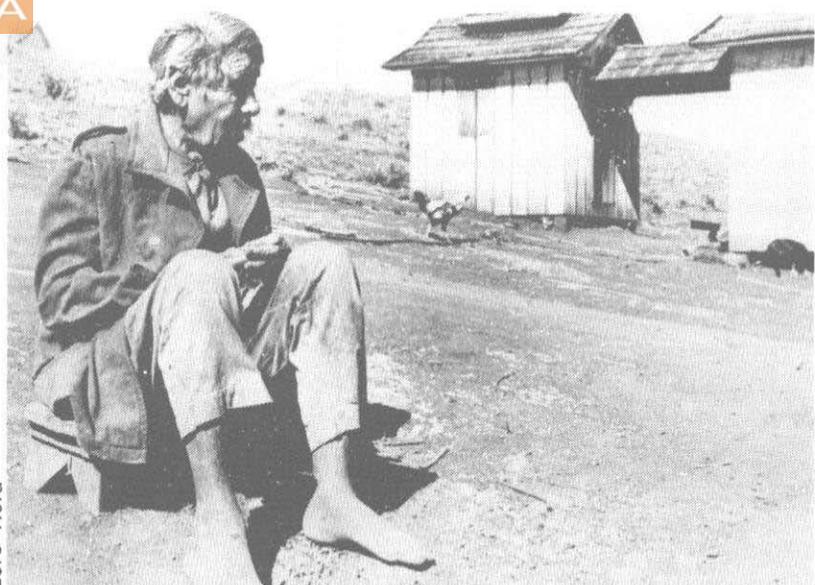
A área dos índios, mesmo depois de demarcada e reservada, não foi respeitada. Você vê, ainda neste século eles foram roubados em mais de 45.000 ha. Mas, mesmo o que restou, foi devastado e maltratado. O roubo de madeira, especialmente pinheiros e madeiras de lei, tem sido um escândalo contínuo, até hoje mesmo. O que se tem feito com os matos dos índios é um verdadeiro crime. O desmatamento nunca tem aproveitado aos índios. Por sua vez, o que foi desmatado, virou, na quase totalidade, terreno baldio, exposto à erosão, arrasado. O índio entregou para o branco uma terra rica, virgem, produtiva e bonita; ele tem de volta, agora, uma terra pobre, corrompida, estéril e sem graça.

Será que a gente vai cobrar agora dos índios o que eles não fizeram? Um dos maiores problemas das áreas indígenas é recuperar e revitalizar o que foi maltratado e destruído. E isso é responsabilidade de quem?



A Reserva de Nonoai foi demarcada inicialmente com 39.908 ha. Em 1949, 19.998 ha. foram destinados ao Parque Florestal. Ficam para os índios 14.910 ha. Foram distribuídos 2.499 ha. a agricultores sem terra, formando a 4.ª seção Planalto, que também seriam da reserva.

Zero Hora



José Ferreira Doble, neto do Cacique Doble (1974)

MUITA TERRA PARA POUCO ÍNDIO?

Isto já não é mais verdade. Os índios do Rio Grande do Sul não dispõem de uma colônia (25 ha) de terra por família. E a população indígena está, graças a Deus, aumentando. Guarita já tem 2.953 índios; é de se prever que para o ano 2.000 eles serão talvez o dobro. O mesmo pode-se dizer das outras áreas. Com o tempo, pode-se esperar que os índios, mais conscientes de seus direitos, reclamem de volta o que lhes foi tirado, como já aconteceu em Nonoai, em Cacique Doble, e como está acontecendo em Inhancorá, no Rio da Várzea e Iraí.

Você talvez se lembra do que aconteceu em Nonoai. Os índios, vendo as suas terras intrusadas, expulsaram os colonos, muitos deles com 16 anos de moradia no lugar. Na madrugada do dia 4 de maio de 1976 incendiaram sete escolas municipais que funcionavam dentro da área. Esses colonos ficaram sem terra, é certo. Muitos achavam que os índios tinham sido duros demais com aquela pobreza. Mas os índios já sabiam que a instrusão de colonos pobres, os casamentos mistos de índio e branco, o sistema de vida do branco, no fim acabam com as outras terras e os recursos dos índios como já tinha acontecido em Serrinha, em Ventarra e em Caseiros, cujas áreas foram liquidadas por completo, e os índios expulsos. É por isso que os índios tiveram que expulsar os brancos... não por maldade, mas pelo futuro deles mesmos e das próprias crianças. Aliás, está bem demonstrado que a ocupação das terras dos índios não é solução para o problema dos sem-terra.



J. B. Debret

Índio Guaraní "civilizado" trajado à moda regional (1834)



Posto Indígena de Água Santa (ou Carreteiro)

CADÊ OS GUARANÍ?

Você já leu nas páginas anteriores que, em 1827, os índios dos Sete Povos tinham ficado reduzidos a poucas centenas. De fato se dispersaram e se misturaram com a população de origem portuguesa, perderam a língua, não tinham mais comunidade, deixaram de ser Guaraní. Viraram gaúchos. Neste século, os Guaraní reapareceram. Eles não são os descendentes daqueles dos Sete Povos, mas vêm de uma tribo diferente, que são os Mbyá-Guaraní. Esses índios estão espalhados pelo Paraguai, Argentina e chegam até o litoral paulista. Procuram regiões de mato. Sobressaem pelo seu artesanato de taquara e cipó, muito caprichado. Mantêm a língua antiga e celebram intensas e prolongadas rezas, afastando-se para isso do contato com os brancos. Seus dirigentes espirituais, quando autênticos, são homens de profunda sabedoria, até místicos.

Pois bem, esses Mbyá-Guaraní só contam com a reserva de Guaraní, vizinha de Votouro. Outros estão ocupando rincões dentro das áreas de Guarita, Nonoai e Cacique Doble: em comparação com os Kaingáng são uma minoria. Mas esses índios, espalhados por diversos lugares do Rio Grande do Sul, sejam talvez perto de 3.000 pessoas.

Mansos e humildes no trato, são, porém, muito independentes e livres, e pouco vão na conversa do branco. Sua força é a sua vida religiosa tradicional. Não gostam de escola, porque eles pensam, com razão, que a escola não lhes vai ensinar a manter as tradições e a autenticidade.

A DEFESA DO ÍNDIO

A consciência de alguns brancos tem-se revoltado às vezes contra tanta injustiça feita ao índio. Missionários e pessoas de boa vontade lutaram pela causa indígena, e lutam ainda.

O Brasil teve um homem como o Marechal Rondon que procurou defender os índios e suas terras. Mesmo frente aos índios arredios, seu lema era: morrer, se preciso for, matar nunca. Ele fundou o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Com os anos, o SPI tornou-se incapaz e foi acusado de corrupção. Veio depois a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Ela é regida pela Lei n.º 6001, de 19.12.1973, mais conhecida como Estatuto do Índio. Trata-se de uma lei bastante boa, se for aplicada. De fato, nem com a lei na mão, se consegue defender os direitos dos índios, sobretudo o direito às suas terras. Existem grandes interesses econômicos sobre as terras dos índios e seus recursos, e aí corre dinheiro para a corrupção...



Zero Hora

Enterro dos mortos no conflito de junho de 1983, em Guarita

Por exemplo, o negócio dos arrendamentos de terras indígenas. Estão proibidos porque privam os índios da sua terra, geram muita corrupção e provocam até brigas entre os mesmos índios, como aconteceu em Guarita, em junho de 1983, quando num conflito entre índios morreram cinco e ficaram feridos treze. A lei fala claramente contra esses arrendamentos; a FUNAI fala também que não os permite, mas eles continuam. Perto de 10.000 ha estão sendo arrendados, e de fato roubados, porque o índio é enganado e nem sequer recebe o pagamento direito, o equivalente de um saco de soja por ha, quando daí são tirados pelos menos vinte sacos.

Como pode isso acontecer? Os grandes arrendatários fazem amizade com as lideranças indígenas, que se contentam com ganâncias individuais, desmoralizam ou corrompem os próprios funcionários da FUNAI e fazem a cabeça do índio para convencê-lo que sem arrendamentos vai morrer de fome. Faz anos que dura essa história. Índio fica sem terra na sua terra e existe o perigo de que a perca definitivamente.

E AGORA?

Meu amigo leitor, você que talvez é agricultor ou filho de agricultor, comerciante ou funcionário, professor, médico ou advogado, padre ou freira; quem sabe, vereador ou prefeito; você quer dar a mão ao índio, quer saber o que fazer.

Vou colocar algumas propostas:

- 1.º — Procure se informar e estudar a verdadeira história dos índios. Não se deixe levar pelos preconceitos.
- 2.º — Não despreze o índio, mesmo quando está numa situação miserável. O respeito engrandece as pessoas.
- 3.º — Deixe o índio em paz. Ele sabe e pode resolver a maioria dos seus problemas, se ele não é atrapalhado na sua caminhada. Séculos a fio, ele viveu na abundância sem a falsa ajuda do branco.
- 4.º — Lute, como você puder, para que a legislação sobre o índio seja respeitada e cumprida. Todos sairemos ganhando.

Saiba e acredite, de todos modos, que o povo indígena, como qualquer outro povo, deve fazer a sua libertação por si mesmo. Isso ele conseguirá conservando as suas terras, sendo dono de seus recursos, mantendo a língua e suas tradições, sabendo se opôr às falsas lideranças de dentro e de fora, elegendo chefes autênticos que, como antigamente, procurem mais o bem da tribo do que a ganância própria.

Se os índios são tratados mais humanamente, somos nós que nos tornamos mais humanos.



Pai com a filha, em Ligeiro (1972)

O FUTURO DO ÍNDIO

Os índios, especialmente os Kaingáng, estão mostrando uma grande vitalidade com uma natalidade em alta, sempre aumentando.



Mulher Kaingáng com criança

Apesar dos preconceitos do branco, eles são cada dia mais conscientes de ter valor e ter direitos. Entendem melhor que a terra é a vida deles, e querem defendê-la. Existem problemas na educação. Muitos de seus professores são brancos que não podem ensinar nem a língua nem a verdadeira história do índio. Mas os índios ainda conseguem educar as crianças nos valores tradicionais. A língua indígena é falada pela maioria dos Kaingáng e a totalidade dos Guaraní.

O índio tem futuro.

Você pode acreditar nesta causa.

ALGUMAS OBRAS SOBRE O TEMA QUE PODEM SER CONSULTADAS

Itala I. Basile Becker, "O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul", **Pesquisas**, Antropologia n.º 29. São Leopoldo: Inst. Anchieta de Pesquisas, 1976.

——— "O índio Kaingáng e a colonização alemã", **Anais do 2.º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, 1976.

Arnaldo Bruxel, **Os trinta povos guaranis**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1978.

O índio no Rio Grande do Sul. Governo do Estado do RGS. Porto Alegre, 1975.

Lígia T. L. Simonian, "Visualização: Estado expropria e domina povo guarani e kaingáng". Cadernos do Museu 9. Ijuí: Fidene, 1980.